

Sarney: dívida não

Esta é a mensagem que ele transmite hoje na 40ª Assembléia da

Segunda-feira, 23-9-85 — O ESTADO DE S. PAULO
6 JORNAL DA TARDE

POLÍTICA

comporta imposições.

ONU. E dirá que o Brasil espera uma mudança de atitude dos nossos credores.

"Nós não queremos uma solução imposta e não queremos ditar uma solução. Nós queremos passar da retórica para as negociações concretas." Essa declaração sobre a questão da dívida externa será, segundo o *New York Times* de ontem, a mensagem que o presidente José Sarney deixará na 40ª Assembléia Geral da ONU, cujo discurso inaugural proferirá hoje pela manhã. "A recessão é uma má conselheira política porque ela leva à convulsão social", adverte, ainda, Sarney, que chegou ontem a Nova York (1h50), depois de uma escala na Cidade do México para prestar a solidariedade do povo brasileiro aos mexicanos.

Será, provavelmente, o maior momento do presidente Sarney desde que assumiu a presidência da República em circunstâncias trágicas.

O presidente e seus assessores realizaram um extraordinário esforço logístico para que sua passagem por aqui seja memorável. Geralmente, as expectativas superam os resultados nessas ocasiões, mas

ninguém pode condenar o governo brasileiro por tentar.

Logo às 7h30 da manhã, antes do discurso programado para as 10h30, José Sarney receberá um grupo de jornalistas americanos. Entre eles há nomes importantes, de profissionais experientes, em particular o de Malcolm Forbes, dono, *chairman* e editor-chefe da influente revista econômica *Forbes*. Forbes prontamente se dispôs a comparecer, embora nenhum dos demais convidados tenha o seu *status* nas respectivas empresas.

Ainda como parte do projeto de expor ao máximo o presidente e suas idéias, Sarney dará uma entrevista à imprensa credenciada nas Nações Unidas ao meio-dia. Ele fará outro discurso ainda hoje, às 16h40, na sessão solene do grupo latino-americano.

Amanhã, o presidente volta a falar, dessa vez no café da manhã do Conselho de Relações Exteriores, um das mais importantes instituições privadas dos Estados Unidos dedicadas ao estudo dos problemas internacionais. Como se is-

so não bastasse, almoçará com um grupo de cientistas políticos, economistas e escritores americanos especializados em Brasil.

Evidentemente, até deixar Nova York na quarta-feira, Sarney terá oportunidade de avistar-se com autoridades americanas e de outros países, como se pode notar pelo programa oficial.

Ontem, apesar de ter ido dormir tarde, Sarney acordou cedo para ir à missa na catedral de St. Patrick, às dez horas. A missa foi rezada pelo cardeal O'Connor, numa especial deferência a Sarney, segundo disseram por aqui. Foi depois tratar de uma receita para os óculos e fazer rápida visita ao Museu de Arte Moderna. Voltou para o Hotel Intercontinental em seguida e, poucos minutos depois, ao meio-dia em ponto, estava no saguão outra vez, para conduzir seus convidados — alguns membros mais graduados da comitiva que o acompanha — ao almoço num restaurante especializado em carnes.

No meio da tarde, reuniu-se com os líderes na Câmara e no Se-

nado do PMDB, do PDS, do PFL e do PTB, que o acompanham nesta viagem — provavelmente, para revelar-lhes o conteúdo de seu discurso.

Dupla intenção

Segundo o embaixador Rubem Ricupero, seu conselheiro para questões internacionais, o presidente não fará a um discurso de temática única. Sua intenção é dupla: trazer à comunidade internacional um quadro da realidade brasileira e de como o Brasil vê o mundo. Considera ser este um momento apropriado, tendo em vista a retomada da democracia no Brasil.

O discurso tratará da paz (segundo Ricupero, assunto adequado ao 40º aniversário da ONU, que contribuiu para assegurar paz duas vezes mais duradoura do que a que precedeu a Segunda Grande Guerra), desarmamento e crise econômica.

Os pontos de vista do governo Sarney sobre a situação econômica dos endividados, especialmente os latino-americanos, é conhecida.

Como disse seu assessor, o diálogo com os credores deve processar-se em dois planos. Num deles, haverá a negociação com os bancos privados. No outro, a conversa entre governos. Isso porque, explicou, o resultado final da crise da dívida dependerá de parâmetros como taxa de juros, expansão econômica, abertura de mercados. Nada disso, afirmou Ricupero, depende de banqueiro, "por isso dizemos que a questão da dívida tem um aspecto político".

Ricupero fez um amplo relato das conversas de Sarney com os presidentes da Venezuela e do México, que responderam positivamente ao desejo de aproximação expressado por Sarney.

Mas ao falar sobre a dívida com de La Madrid, ouviu do presidente mexicano o comentário de que há aspectos gerais a todos os devedores e os problemas específicos de cada um. Explicou as particularidades do México, referindo-se à sua condição de produtor de petróleo e de vizinho dos Estados Unidos, e do papel importante que os

Estados Unidos representam no comércio com o seu país. Sua posição deriva da própria situação geográfica do México, disse.

De La Madrid observou ainda que faltam idéias "operativas" e que era preciso ampliar o diálogo, não só no plano de Cartagena, mas na esfera bilateral, através das chancelarias e dos ministérios que mantêm relacionamento mais estreito com os organismos multilaterais.

Sarney falou da necessidade de se sair da área teórica para a ação — que deve basear-se na realidade dos dois países. Quer exortar os industrializados a um diálogo mais amplo. Reafirmou que o Brasil não deseja impor sua posição, mas também não quer que lhe imponham uma posição acabada. Seu objetivo é discutir e negociar.

Ricupero disse ainda que não está prevista nenhuma conversa telefônica entre Reagan e Sarney, mas que o presidente enviou mensagem muito cordial ao governo e ao povo dos Estados Unidos, ao penetrar em seu espaço aéreo.